

A arquivística europeia na sociedade do conhecimento entre as tecnologias da informação e o documento.

A VIª Conferência Europeia sobre Arquivos
Florença, 30 de Maio – 2 de Junho de 2001

Decorreu no Palácio dos Congressos, em Florença, a VIª Conferência Europeia sobre Arquivos que contou com a presença de mais de três centenas de participantes oriundos de toda a Europa, América do Norte e África do Sul. A iniciativa, organizada sob os auspícios do Conselho Internacional de Arquivos (CIA), da Associação Nacional Arquivística Italiana (ANAI) e da Direcção Geral para os Arquivos (DGA, Itália), foi subordinada ao tema «*os arquivos entre o passado e o futuro*». O papel da ciência arquivística na era da informação e no contexto da «nova» economia foi, afinal, a preocupação que esteve subjacente às 11 sessões do congresso.¹ Tal ficou claro nas sessões que importa destacar, dedicadas aos documentos electrónicos, aos projectos de cooperação europeia e à normatividade arquivística bem como nas sessões sobre formação arquivística em diferentes níveis e promovidos por diferentes entidades (universidades, associações profissionais e instituições públicas e privadas). No seminário que antecedeu a conferência tratou-se dos programas da União Europeia na área dos arquivos e da informação e das questões emergentes na óptica transnacional.² Como se esperava, a conferência constituiu uma oportunidade para se perceber o ponto da situação na encruzilhada dos caminhos que se colocam à arquivística europeia face aos desafios e oportunidades criados pelos novos meios de produção, conservação e difusão de conhecimentos. Deste modo, embora não se esperassem grandes novidades neste fórum, as questões tratadas, pela sua diversidade e abrangência, não deixarão de nos interessar no momento em que, no nosso país, se sente a necessidade urgente de mudar a formação nesta área. É nesta perspectiva que interessam as breves notas que aqui deixamos.

¹ O programa do congresso e o resumo das comunicações pode ser consultado em língua inglesa em http://www.newtours.it/archives2001/english/scienprog_eng31may.htm

² Entre estes destacamos o programa de documentação europeia na área de I&D, CORDIS <http://www.cordis.lu> e, na área da pesquisa e desenvolvimento em bibliotecas electrónicas, o programa DELOS <http://www.ercim.org/delos>. Na área da gestão de documentos electrónicos assinala-se o esforço de documentação desenvolvido pela ARMA (Association for Information Management Professionals, <http://www.arma.org>).

Por detrás dos problemas comuns que se colocam à arquivística na era do digital e das redes da informação, perceberam-se estratégias e campos de actuação diferenciados. Enquanto, por um lado, se desenvolve uma área de reflexão e de conhecimento que resulta da acção centrada na transposição de informação pré-existente para o novo meio, o qual constitui, nesta perspectiva, um poderoso meio de difusão, por outro lado, há os que se preocupam essencialmente com os instrumentos de gestão documental, na óptica dos sistemas de informação e da automação.³ Torna-se assim claro que a emergência das novas tecnologias da informação criou oportunidades que devem ser aproveitadas pela arquivística, as quais exigem, porém, o desenvolvimento de novas competências. Ao mesmo tempo, lança para o debate novas questões, nomeadamente, o do acesso à informação nas sociedades democráticas e o respeito pela privacidade, o dos direitos de propriedade, o da conservação e autenticação de documentos electrónicos, enfim, o da preservação e acesso à herança cultural e científica. Neste novo meio evidenciam-se diferentes funções nos quais o saber arquivístico terá um papel central no seio de diferentes organizações, nomeadamente, nos processos de transferência de suporte e de difusão de conteúdos, na recolha e organização de informação em bases de dados, na organização de redes de informação, em serviços de autenticação e certificação de conteúdos.

Merecem aqui destaque diferentes estratégias ou campos de desenvolvimento na área dos arquivos relativamente às novas redes de conhecimento: por um lado, a produção de conteúdos de arquivo para a Internet com repercussão directa sobre o património, a educação, o turismo, a cultura, enfim, sobre o desenvolvimento regional; por outro lado, percebe-se que os programas de formação contínua usarão cada vez mais o novo meio e de que se torna necessário dar prioridade à produção de conteúdos no meio digital. Há aqui, implicitamente, a perspectiva estratégica de que a Net é um espaço a conquistar pelas indústrias de bens culturais. Ao mesmo tempo, percebe-se que este espaço virtual cria a necessidade de saber o que *está* e o que *não está* lá, cria necessidades de filtragem da informação, tal como coloca problemas em torno do acesso e da privacidade da informação.

Na «nova» economia do conhecimento, os arquivistas são também chamados à função de gestores de documentos electrónicos, defrontando-se com problemas relativos

³ Veja-se, por exemplo, o conjunto de projectos ligados ao desenvolvimento de tecnologias e à disponibilização de conteúdos culturais em rede na área dos arquivos, bibliotecas e museus em <http://www.cordis.lu/ist/ka3/digicult/>

à obsolescência do suporte tecnológico e à necessidade de garantir a autenticidade desses documentos.⁴ De facto, o comércio electrónico levanta já o problema jurídico da prova documental.⁵

A procura da normalização de documentos electrónicos constitui também um dos campos em debate. A normalização dos instrumentos de descrição arquivística constitui um dos passos fundamentais para a criação de redes de informação sobre fundos de arquivo. Nesta área foram apresentados vários projectos e avaliado o impacto práticos das normas de descrição conhecidas ISAD(G) e ISAAR(CPF).⁶

Nas sessões em torno da formação em arquivística, foi particularmente interessante a análise comparativa de Carol Couture sobre a estrutura curricular em diferentes países, sendo de destacar, como traço comum, a existência de estágios de fim de curso.⁷ Ao mesmo tempo percebeu-se a necessidade da especialização, não apenas entre biblioteconomia e arquivística como entre uma formação mais orientada para os gestores de informação ligados a arquivos correntes e outra mais vocacionada para os conservadores de arquivos. Neste contexto, o ensino da informática deve ser subordinado e integrado na formação arquivística.

No domínio da formação promovida por instituições universitárias importa referir a experiência da Universidade da Columbia Britânica (Vancouver, Canada) e da referência que constitui o normativo proposto pela reputada Sociedade dos Arquivistas Americanos.⁸ No quadro europeu merece-nos destaque a experiência da Universidade de Marburg (Alemanha) que apresenta um sistema de formação intensivo e faseado, sendo esta formação acompanhada por seminários de apoio e de actualização para os que terminaram a sua formação na instituição.⁹ Tal prática permite à instituição obter «feedbacks» sobre a qualidade e validade da formação ministrada, bem como integrar rapidamente as necessidades emergentes das organizações no domínio da formação inicial. A sua revista especializada divulga os seus projectos de investigação, sendo os seus campos privilegiados de actuação os documentos electrónicos e a automação

⁴ O projecto InterPares foi o mais importante nesta área e os seus resultados podem ser consultados em <http://www.interpares.org>

⁵ Veja-se, por exemplo, os documentos normativos disponibilizados pela Sociedade Americana dos Arquivistas nestas matérias (<http://www.archivists.org/>).

⁶ Documentos disponíveis no endereço do Conselho Internacional de Arquivos (<http://www.ica.org>).

⁷ O texto de Couture está em livre acesso no seu site pessoal em <http://mapageweb.umontreal.ca/couturec/> Veja-se também o *American Archivist*, vol.63, 2 (Inverno de 2000) que é dedicado ao tema da formação avançada.

⁸ Disponível a partir do site da SAA em <http://www.archivists.org>.

⁹ <http://www.uni-marburg.de/archivschule> Sobre o software de descrição de fundos de arquivo MIDOSA, veja-se <http://www.midosa.de>

administrativa («*Office automation and electronic records*») e o uso da comunicação oral e escrita no meio comercial («*business process of the use of writing and oral communication*»). Finalmente, refira-se a apresentação do projecto de cooperação europeia na formação arquivística, intitulado E-Term, o qual usa a Internet como meio privilegiado de distribuição de recurso. E-Term conta com a participação experimental da Universidade do Porto, representada pela PD. Fernanda Ribeiro.

A reflexão em torno dos modelos de formação é indissociável dos diferentes papéis que o arquivista vem sendo chamado a desempenhar na «nova» economia. Ela coloca, naturalmente, o problema de saber se não deverá haver várias formações especializadas em arquivística, em função da especificidade das competências necessárias às funções que são desempenhadas hoje, nomeadamente, por um gestor de documentos (função que se confunde com a de arquitecto de sistemas de documentação) ou por um conservador de arquivo. Trata-se, pois, de definir os limites entre o que deve ser o papel do arquivista e o dum gestor da informação no seio das organizações e da sociedade. Será um bom princípio pensar a este respeito que o arquivista estará sempre ligado à gestão de documentos, entendidos como uma determinada forma estruturada de informação, e que não é um técnico da informação. Desta forma, afirma-se o primado da teoria arquivística sobre práticas emergentes na nova economia da informação, enfim, defende-se a necessidade de construir um conceito de arquivo onde a prática arquivística se possa mover. Nesta concepção, a arquivística distingue-se do «Record Managment», o qual intervém directamente na gestão da empresa. Por esta via, o arquivista distingue-se e qualifica-se no quadro das ciências da informação, da qual a arquivística indiscutivelmente faz parte.

Seja como for, a reorganização dos currícula é uma necessidade que deverá adaptar-se às necessidades das sociedades e estas têm vindo a mudar, como o atesta a entrada nos departamentos universitários de novos professores na área da arquivística e das ciências da informação de acordo com as novas competências requeridas (este número em Itália triplicou nos últimos anos).

A nota final vai para a intervenção de J. Van Albada, secretário geral do Conselho Internacional de Arquivos para a Europa (CIA), o qual deixou uma advertência às associações profissionais, as quais se deverão adaptar e integrar o novo perfil de arquivista sob pena de serem inevitavelmente ultrapassadas por novas associações que o saberão fazer.

Paulo Guimarães